

# Janela da Alma vê apenas através de palavras

por Maurício Hirata

A experiência do cinema está intrinsicamente ligada à experiência de observar mundo. O olhar é parte indissociável da percepção cinematográfica, tanto que torna o cinema uma das formas de arte mais dependentes da relação que o homem tem com percepção visual (as artes plásticas há tempos já se libertaram desta dependência exclusiva). Por este mesmo motivo o cinema é provavelmente o meio artístico mais capacitado a discutir, poetizar e estudar esta relação.

Assim, quando soube qual era o tema do documentário *Janela da Alma*, fiquei ao mesmo tempo curioso e apreensivo. O olhar é um tema tão amplo quanto discutido (só a pintura vem se ocupando disto com consciência desde o Renascimento). E se o cinema é um dos meios mais propícios para esta discussão, como ela se daria?

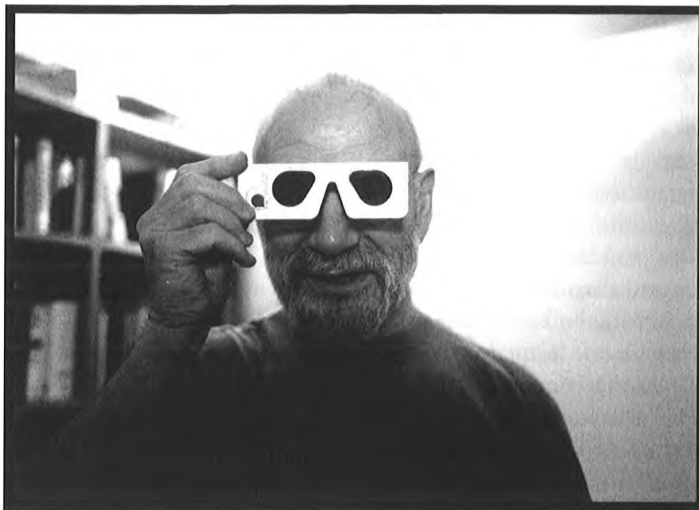
Bem, ao sair do cinema, minha impressão do filme foi ambígua. Um documentário simpático, agradável e despretenso, recheado de depoimentos interessantes de pessoas interessantes, entrecortado por cenas que buscavam evidenciar de alguma forma a presença da imagem.

No entanto como poderia um documentário sobre um tema tão complexo e difícil ser despretenso? Falar sobre um assunto desta densidade é necessariamente ser pretensioso.

E é nesta contradição que residem ambos os defeitos e as qualidades do filme.

*Janela da Alma* opta por duas abordagens ao seu objeto. A primeira, extremamente comum entre documentários brasileiros contemporâneos, se basta em depoimentos de pessoas, no caso, deficientes visuais que obtiveram sucesso em suas áreas de atuação profissional. Desfilam pela câmera:

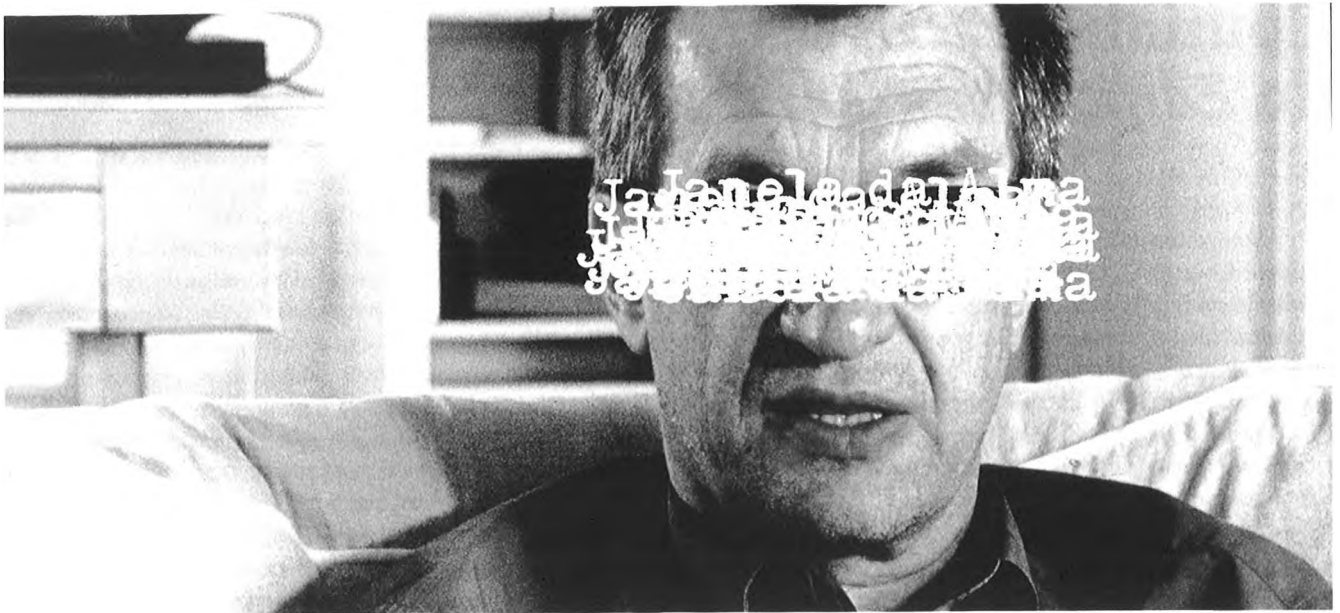
políticos, músicos, cineastas, escritores, psicólogos, fotógrafos. Cada um fala de sua relação com o olhar e criam um panorama das possíveis questões relativas do ato de ver. Desde as dificuldades inerentes àqueles que perderam a visão, passando pela particularidade do olhar de cada um, pelo preconceito que sofrem aqueles com deficiência visual, pelas relações estéticas relacionadas ao olhar, chegando à discussão da saturação de



imagens no mundo contemporâneo.

A opção pelo panorama dá o tom despretenso ao filme. Cada depoimento gera interesse devido à simpatia e relevância de seus autores (quem não quer ouvir José Saramago, Oliver Sacks ou Hermeto Pascoal discorrerem sobre o olhar?). O filme se propõe apenas a elencar os diversos pontos de vista que se pode ter sobre o assunto. E cumpre o que promete.

No entanto, como todo o panorama, ele peca pela superficialidade com que trata cada questão. Como já foi



colocado, o tema do olhar é amplo, já foi extensamente discutido e exige um recorte e um aprofundamento que o filme ignora categoricamente. Apesar do mérito de evitar citações enfadonhas a Wittgenstein e Platão, ele pouco tem a contribuir para discussão sobre o assunto. Por mais interessantes que sejam os depoimentos isolados, conjuntamente eles não chegam a construir nada de maior contundência ou relevância. Na falta de um sentido próprio, o filme confortavelmente se basta nas opiniões soltas de “autoridades” cujo renome as tornam incontestáveis.

A segunda abordagem é aquela presente entre os depoimentos: as breves imagens desfocadas, e granuladas, criadas por Walter Carvalho para dialogar com as falas e demonstrar a presença da imagem. Elas têm seus méritos. Vindas de um fotógrafo capaz de realizar imagens esplendorosas como as de *Lavoura Arcaica*, e os melhores momentos de *Abril Despedaçado*, era de se esperar um show de virtuosismo visual. No entanto, isto não acontece. Comedidas, as imagens estão menos preocupadas em ser belas do que em demonstrar sua presença enquanto tal. Numa

aproximação com uma concepção moderna da imagem, Carvalho busca evidenciar a presença da mesma, abusando daquilo que no cinema comercial seria considerado defeito: desfoques, granulação, movimentos bruscos de câmera.

No entanto, a experimentação pára por aí. As imagens acabam por se repetir e em conjunção com os depoimentos, se tornam meras ilustrações dos mesmos, no máximo comentando uma ou outra fala. Aquilo que deveria ser o próprio cerne do filme (a imagem) é sub-utilizada na discussão de si própria. Para um filme sobre o olhar, *Janela da Alma* é excessivamente dependente da palavra.

Assim, no balanço final, percebe-se que aquilo que torna o filme tão leve e eficiente é o mesmo que o torna superficial e formalmente conservador. O filme não arrisca em um âmbito no qual a ousadia é fundamental. Os diretores optaram pelo seguro, o que no caso específico de Carvalho (provavelmente o melhor diretor de fotografia em atuação no Brasil hoje), é absolutamente injustificável. Assim, *Janela da Alma* acabou por desperdiçar a chance de ser um grande filme.